**Fórum Social Mundial – FSM 2015: Ecossocialismo ou Barbárie**

Marcos Sorrentino

Participei de atividades do Fórum Social Mundial (FSM) que foram realizadas na Tunísia, apresentando algumas reflexões que emergem de um Movimento Educador provisoriamente nomeado como Ecossocialismo ou Barbárie. Quero aqui fazer algumas considerações sobre as potenciais convergências entre o FSM e esse Movimento.

Ao acompanhar manifestações que ocorriam em distintos espaços do campus da Universidade de Túnis - de passeatas a palestras e oficinas, passando por tendas com exposições e distribuição de folhetos e por intervenções individuais e de pequenos grupos, com danças e outras formas artísticas ou inusitadas utilizadas para capturar a atenção dos participantes para a causa especial ali defendida – tive a clara percepção de pertencer à Terra Pátria. Título de um livro de Edgar Morin, moradia comum para todos, mas fragmentada, cindida e pulverizada em inúmeras frações de saberes e dramas cotidianos, cuja melhor metáfora pode ser expressa pela Torre de Babel.

O que divide, separa e distancia os humanos já não é a língua, não são os diversos idiomas que ali eram falados – alegremente as pessoas se aproximavam, falavam e se entendiam em seus próprios idiomas: árabe, francês, espanhol, italiano, inglês, português, japonês, chinês, dentre outros, em suas variações de acentos e culturas – mas a agenda ensimesmada de cada tribo humana em defesa de sua causa. Ambientalistas, reflorestadores, agroecologistas, horticultores, sem terras, animalistas, vegetarianos, veganos, pode ser uma exemplificação das ramificações de um tronco de árvore que muitas vezes não encontra o diálogo entre os seus galhos, folhas e frutos.

O belíssimo quadro da Árvore da Vida que vi na sede da CGTT (Confederação Geral dos Trabalhadores Tunisianos) anima a presente tentativa de representar o FSM como uma Árvore, com seus encantos, acolhimento, conexões entre a terra e o céu, entre a materialidade e a espiritualidade, firme nos objetivos perseguidos, mas sem perder a ternura e a flexibilidade, de forma similar à famosa frase do altermundialista Che Guevara. Uma árvore com vasos condutores, seivas bruta e elaborada que a alimentam e permitem alimentar a outros seres que compartilham o mesmo espaço existencial.

Os diversos galhos e folhas de uma única árvore e as diversas árvores de uma mesma floresta têm os seus elementos comuns, essenciais na manutenção da vida em toda a sua diversidade. A eles é preciso chegar, decodificar e os proteger das imprecauções ou da ganância degradadora.

A manutenção da vida faz parte da missão, do DNA, o código da vida, de cada folha, fruto, flor, galho, tronco, raízes, solo, água, ar e de todos os elementos e seres que lhe possibilitam a vida e por ela são propiciados, a exemplo dos humanos. Missão compartilhada! Ao se agredir uma pequena parte, agride-se o todo.

E a agressão das partes tem chegado ao seu extremo e o todo tem manifestado dificuldade para manter as árvores, as florestas e outros sistemas de vida em pé. As mudanças climáticas e a erosão da biodiversidade seriam a “ponta do iceberg” das alterações nos sistemas naturais, com fortes consequências negativas para imensas parcelas da humanidade. Da mesma forma, os preconceitos e violências cotidianas contra pessoas e grupos sociais distintos, são causas e efeitos de um mal estar civilizatório que exige respostas profundas e duradouras.

Surgem os movimentos de resistência - mulheres, índios, negros, minorias étnicas, religiosas e de opções sexuais, ambientalistas, albinos, ex-presidiários e suas famílias, idosos, crianças e adolescentes, cadeirantes, surdos, defensores de costumes e de modos de vida distintos do modo hegemônico pautado por uma perspectiva de produção e consumo que muitas vezes o termo capitalismo consegue resumir, mas que pode ser explicitado também por palavras como neoliberalismo, consumismo, globalização e degradação.

Procurando unir todos aqueles e aquelas que expressam, ou desejam expressar, a sua contrariedade a esse modo hegemônico de produção e consumo, que se materializa nas reuniões dos países mais ricos, ou poderosos, do mundo, em Davos, em 2001 ocorre a primeira versão do FSM, em Porto Alegre, anunciando que “Um Outro Mundo É Possível”!

Um Outro Mundo que acolha e estimule os distintos grupos sociais e pessoas na construção cotidiana de espaços de resistência e demonstração de caminhos possíveis para a realização humana integral, compatíveis com a manutenção e desenvolvimento da vida em toda a sua diversidade e em todas as suas buscas por realizações materiais e espirituais.

Um Outro Mundo construído pelo diálogo comunitário, a partir das identidades diversas e fortalecendo-as, potencializando-as para agirem em busca da sua realização como seres humanos comprometidos com a felicidade em todas as suas expressões. Comunidades locais conectadas em uma imensa comunidade planetária! Utopia? Sim, utopia a iluminar o caminhar e a ser construída cotidianamente, em processo incremental e articulado, que se faz ao andar.

Andar que exige o avaliar constante e continuado, em cada um e em cada uma. Em cada grupo social e nos movimentos mais amplos, para que no próximo encontro do FSM esteja amadurecida a análise sobre as doenças que afetam as folhas, flores, frutos e galhos, mas, acima de tudo, suas causas que já comprometem o tronco, as raízes e o próprio solo, a água e o ar que o alimenta. Causas a serem enfrentadas de forma organizada e planejada, elegendo-se pontos prioritários que unifiquem na diversidade – as táticas e estratégias para enfrentá-las.

Táticas e estratégias, uma linguagem seqüestrada pelas guerras, a serviço da paz! Como defini-las de forma unificada e coordenada, sem transformar o interior do FSM em campo de guerra?

Em janeiro de 2016 deve ocorrer um evento de avaliação do FSM e de comemoração dos seus 15 anos de existência. Dali deve partir uma caminhada para Quebec, para o próximo momento presencial do FSM, em 2017. Preparar-se para isso, exige muito diálogo, promovendo uma arqueologia virtual do presente, como diz Boaventura de Sousa Santos, retrospectiva e prospectiva, que permita encontrar as bandeiras unificadoras dessa ação pela vida.

Nos próximos parágrafos buscarei argumentar sobre a pertinência de algumas bandeiras simbólicas para esse Movimento que reputo como Educador, pela percepção cada vez mais generalizada sobre a impossibilidade de revoluções armadas conquistarem um poder do povo, com o povo e para o povo. Ou, mesmo que em algum local a opção seja por essa via, sem o processo formador estar a ela aliado, efetivamente não se promoverá as transformações almejadas por todos atores que se encontram no FSM.

Processos educadores, formadores de seres humanos integrais – gente é para brilhar! Humanidade que brilha na diversidade, multicolorida, não homogeneizada e simplificada. Humanos com identidades próprias e que dialogam com a alteridade – “eu sou eu, você é você e vejo flores em você”, como canta a banda “Ira!”. Humanos que participam por sentirem-se pertencentes a esse imenso manancial da vida, constituindo uma comunidade de destinos compartilhados, mesmo que independentes ou interdependentes.

Processos educadores que potencializam o agir pelo bem comum. Autogestão e auto-análise continuada e conectada em redes e movimentos de incidência nas políticas públicas locais e planetárias.

Arriscaria dizer que alguns elementos do ideário que alimenta esse Movimento podem ser encontrados em Montesquieu, quando ele escreve que o espírito das leis de uma democracia popular precisa ser o da frugalidade, o da promoção de uma cultura humana que não busca enriquecer-se materialmente, acumulando bens e riquezas que estejam além da sua própria necessidade de uso. Outros exercícios podem e devem ser realizados individualmente e em grupo, buscando os elementos essenciais desse ideário que fundamenta a caminhada, que delineia a utopia.

Certamente os ideais explicitados por Jesus Cristo, Maomé, Budha e tantos outros que ofereceram sentidos existenciais relacionados à dimensão espiritual, ou aqueles explicitados por humanistas de todos os tempos, que ofereceram combustíveis para as distintas revoluções em busca de formas de organização social, econômica e política mais justas para todas as pessoas. Ou, ainda, os ideais explicitados pela ciência e por cientistas que dedicaram suas vidas a oferecer soluções e caminhos racionais para enfrentar os problemas e dilemas que afligiam e afligem a humanidade, serão revisitados e, no diálogo Eu-Tu, sabiamente explicado por Martin Buber, será encontrado o fio de Ariadne que conduz para além da crise, da desesperança, da drogadição e da imposição.

A bandeira multicolorida simbolizando a união de povos do continente sul-americano, capitaneados pelos Incas, expressa o florescimento e expansão de uma perspectiva de paz e acolhimento educador do outroem toda a sua diversidade. Massacrados pelo imperialismo que vinha do velho continente, ávido por ouro e poder, mantiveram a bandeira hoje também adotada pelo movimento LGBT. O Movimento educador Ecossocialismo ou Barbárie e o FSM também poderiam adotá-la como uma bandeira física a expressar essa busca e este compromisso por construir Um Outro Mundo Possível.

A árvore da vida é outro símbolo, fortemente presente na Tunísia, que também poderia ser adotado como uma marca do FSM e do Ecossocialismo que se coloca como opção à barbárie.

Queremos e podemos criar um “hardware” (gratuito) metafórico no qual inúmeros “softwares” (livres) reais encontrem ambiente apropriado para rodar, se realizem e possibilitem a realização de seus usuários/participantes, em suas buscas de aprendizados empoderadores da aventura humana nesta Terra.

No “hardware” estarão os FSM com as trocas de experiências e pactuações setoriais e coletivas das prioridades e dos caminhos para ampliar a incidência nas políticas públicas planetárias e locais de transição para sociedades sustentáveis. Estarão também os Ciclos de Diálogos locais voltados à compreensão da geopolítica e das políticas públicas necessárias para as transições em direção aos ideais de sustentabilidade socioambiental, nos quais se destaca a melhoria das condições existenciais para todos, humanos e não humanos.

Diálogos organizados localmente entorno do mote Ecossocialismo ou Barbárie, constituem o cerne de um processo educador a alimentar o Movimento com o mesmo nome. Diálogos fomentadores de e alimentados por Círculos de Aprendizagem Participativa, ou Círculos de Cultura como dizia Paulo Freire, ou Tribos de Convivencialidade, como escreveu Michel Mafesoli, nos quais o diagnosticar a própria realidade e o planejar e agir para transformá-la na direção dos sonhos compartilhados seja a prática prioritária.

A conexão entre esses Círculos e os FSM e as instâncias instituídas para a formulação e implantação de políticas públicas locais e globais, pode se dar por meio de coletivos educadores (pontos e pontões de cultura) territorializados capazes de aproximar forças instituintes e instituições, na elaboração de projetos políticos pedagógicos que promovam a retroalimentação continuada da potência de agir pelo bem comum de todas e de cada uma das pessoas/cidadãs e grupos sociais.

Ciclo de Diálogos e Movimento emuladores de uma plataforma de ações, a partir das declarações e manifestos que possam ser sistematizados no fluxo contínuo entre a base local e a articulação planetária representada pelo FSM, mas que também terá outras instâncias setoriais e regionais interconectadas em fortalecimento mútuo.

Plataforma com bandeiras globais e bandeiras específicas, com ações coordenadas globalmente e articuladas localmente, buscando incidir nas instâncias já constituídas, comprometendo-as com a emergência de processos constituintes (ver Declaração Isto Não É Um Manifesto, de Hardt e Negri) locais, regionais e global, capazes de responder aos reclamos e propostas de uma nova ordem econômica e social planetária.

Sucumbir à barbárie, sentado no trono do seu apartamento, com a boca escancarada, cheia de dentes, esperando a morte chegar, como cantava Raul Seixas, vendo a engenharia genética e as grandes corporações transnacionais patentearem e mercantilizarem a água, as sementes, as plantas e animais e a vida em geral **ou,** agir por um mundo comunitário, solidário, fraterno, no qual a simplicidade voluntária, a hospitalidade e o diálogo sejam a marca de uma humanidade guardiã da vida que cuida da sua manutenção como uma dádiva que nos preenche de Gratidão?

Não devolver o bilhete de ingresso neste Planeta e encontrar forças para continuar a continuar, como disse Marshal Berman em Tudo o que é Sólido Desmancha no Ar, por mais que este desejo seja fortalecido diante das iniquidades da contemporaneidade. Encontrar sentidos para resistir e insistir, no comum, no aparentemente insignificante e essencial para a vida - ar, água, solo, sorrir, namorar, plantar, compartilhar, construir, dialogar, sonhar e planejar.

Em tempos líquidos, profundamente descritos por Zigmunt Bauman, reencontrar o Comum e agir com o Outro. Fazer política cotidianamente, local e global, exigindo governabilidade e governança compartilhada e voltada ao Bem Comum do e no Planeta.

Vida longa aos FSM! Enraizamento e capilaridade dele e nele, de e em cada habitante deste Planeta. Estratégias de ação neste sentido são urgentes e não serão paridas de fora para dentro. A cada um e a cada uma das pessoas/cidadãs planetárias coloca-se tal desafio. Vamos a ele?